

EDITORIAL

Prezado associado,
Estou muito feliz pela oportunidade de fazer chegar até você, não apenas mais um editorial, mas o primeiro desta gestão 2026-2028. Nossa diretoria, conselhos e comissões, alguns que, como eu, fizeram parte de gestões anteriores, aceitamos o desafio de seguir caminhando para a ampliação da Seção São Paulo, com maior engajamento associativo, dando continuidade e valorizando nossa história institucional: nosso grande desafio é acolher novas ideias e desenvolver um trabalho que dê continuidade a tudo o que já foi construído pelas outras gestões, envolvendo cada vez mais associados nesta cultura.

A palavra que nos guia nesta gestão é acolhimento! Então, carinhosamente escolhemos para este editorial conversar sobre F A M Í L I A. Vivemos num mundo em que as famílias mudaram de configuração: a concepção tradicional e monopolizada de que família estaria relacionada apenas a enlaces sanguíneos e por meio do matrimônio, está sendo repensada. Um novo contexto abriu caminho para arranjos nem sempre previstos constitucionalmente, que se formam em meio à sociedade e são unidos pela afetividade que permeia as variadas relações familiares. Penso nas palavras de Paulo Lôbo, “enquanto houver *affectio* haverá família, unida por laços de liberdade e responsabilidade...” (LÔBO, Paulo. *A repersonalização das relações de família*. Revista Brasileira de Direito de Família. Porto Alegre, IBDFAM/Síntese, nº 24, p. 138, Jun-jul. 2004).

Acredito com todas as minhas forças que uma das finalidades, da família para a sociedade, ainda é permitir que seus integrantes desenvolvam de forma plena a sua personalidade para que possam assim, cada qual com sua individualidade, mas alicerçados em elos comuns e indissociáveis, como o afeto, atingir a felicidade. E vou me ater aqui a destacar a relevância da família ao assumir seu papel de protagonista frente ao cuidado e à atenção com suas crianças, bem como a importância de associação entre escola e família, em prol da construção de uma relação dialógica que priorize o desenvolvimento sadio das crianças e dos adolescentes, bem como o desenvolvimento de sua aprendizagem. A minha prática psicopedagógica me faz acreditar que é a partir desta parceria entre a família e a escola que são alimentadas as condições favoráveis e positivas para o desenvolvimento completo de nossas crianças e de nossos adolescentes: reconhecendo a vivência e o contexto histórico familiar, analisando suas dificuldades, desenvolvendo suas habilidades e, assim, construindo uma aprendizagem significativa e integral.

Então, pensando em todas as famílias que convivemos, este editorial reuniu autores que nos premiaram com seus artigos a este respeito: Viviane Namur, Psicóloga, conversa sobre a inclusão da família no atendimento e a importância do suporte à rede de relações na qual a criança está inserida; Indianara Castanho, Pedagoga e Orientadora Parental traz a reflexão sobre a importância da família, da escola e de outros profissionais caminharem juntos no sentido de prover um ambiente facilitador de aprendizagem. Também temos Fabiana Meirelles Peccin, Educadora, e Maria Inês Fonseca, psicóloga e Educadora que nos trazem, a partir de suas vivências nas escolas, a diferença nos resultados no processo de aprender, quando existe um trabalho integrado entre a psicopedagogia e a psicologia, promovendo uma experiência de crescimento e transformação. E finalizando, Eliana Moura, Psicopedagoga e Gerontóloga, falando sobre a família

como um ecossistema de aprendizagem em todas as fases da vida.

Enfim, este editorial é um presente para todos nós! Desfrutem!

Paula R de C Santos

Presidente Estadual ABPP SP – Gestão 2026-2028

AGENDA CULTURAL

AGOSTO e SETEMBRO: Curso de Aperfeiçoamento Online (CAPp) “Piaget na prática: aplicação das provas operatórias na avaliação psicopedagógica”, com Marcia Amplatz

2ª Reunião do Conselho Estadual

OUTUBRO: Dia 02 e 03: Encontro Estadual – Aniversário da ABPP-SP

NOVEMBRO: Dia 13 e 14: VI Simpósio Nacional de Psicopedagogia

Homenagem ao Dia do Psicopedagogo

3ª Reunião do Conselho Estadual

ACONTECEU

ATIVIDADES DO 1º SEMESTRE 2026 – ABPP – SP

27/02 – Reunião do Conselho de Assuntos Econômicos e Fiscais (CAEF)

23/02 – Portas Abertas com Associados. Palestra “O fazer psicopedagógico”, com Maria Cristina Natel

13/03 – Reunião do Conselho Nacional

21/03 – 1ª Reunião Conselho Estadual

24 e 31/03; 07/04 – Curso de Aperfeiçoamento Online (CAPp) “A orientação parental na perspectiva do atendimento psicopedagógico”, com Indi Castanho

30/04 – 3º Seminário Clínico, em parceria com o Instituto Sedes Sapientiae

12/05 – Palestra Online (PaOn) “A literatura infantojuvenil no atendimento psicopedagógico”, com Lica Ayres

20/06 – Oficina de jogos presencial, com Juliane Pimentel e César de Oliveira

PSICOPEDAGOGO ASSOCIE-SE !

www.saopauloabpp.com.br

saopaulo@saopauloabpp.com.br

contato: 11 9.6416-1030



ABPP SP – Associação Brasileira de Psicopedagogia SEÇÃO SÃO PAULO

@abppsp

Quando uma criança não aprende: o que a família tem a nos dizer?

“Antes de perguntar por que uma criança não aprende, precisamos perguntar em que ambiente ela está tentando aprender.”

Indi Castanho - pedagoga especializada em educação socioemocional e orientadora parental. Fundadora do Instituto Neuroconexões.

Quando uma criança ou adolescente apresenta dificuldades na aprendizagem, é comum que a primeira pergunta seja o que há de errado com ele. No entanto, os avanços nas ciências do desenvolvimento humano têm nos convidado a ampliar esse olhar. Talvez a pergunta mais importante não esteja no sujeito em si, mas no contexto em que ele está tentando aprender.

Durante muito tempo, o trabalho psicopedagógico foi conduzido a partir de um modelo centrado no desempenho individual. Dificuldades de atenção, baixo rendimento escolar ou comportamentos considerados desafiadores eram, em geral, compreendidos como problemas do próprio aluno. Hoje sabemos que essa perspectiva não é suficiente para dar conta da complexidade do aprender. Aprender é um processo profundamente relacional.

A criança e o adolescente não aprendem sozinhos. Eles aprendem dentro de sistemas, como a família, a escola, a cultura e as relações que fazem parte do seu cotidiano. A psicopedagogia já apontava esse caminho ao reconhecer que a aprendizagem é atravessada pela história do sujeito e pelos vínculos que sustentam seu desenvolvimento. Como nos lembra Sara Pain, aprender não é apenas um processo cognitivo, mas envolve a história emocional do sujeito e sua relação com o saber. Alicia Fernández também nos convida a compreender que o sintoma de aprendizagem não é apenas algo a ser corrigido, mas uma forma de expressão, uma linguagem que revela aspectos do vínculo entre o sujeito, o conhecimento e o contexto em que vive.

A teoria do apego, desenvolvida por John Bowlby e aprofundada por Mary Ainsworth, demonstrou que a segurança emocional é base fundamental para a exploração do mundo, para a regulação e para a aprendizagem. As contribuições de Stephen Porges, por meio da Teoria Polivagal, ampliam essa compreensão ao mostrar que o sistema nervoso está constantemente avaliando o ambiente em busca de sinais de segurança ou ameaça. Quando a criança ou o adolescente se sente seguro, seu sistema nervoso entra em um estado que favorece a conexão, a curiosidade e a aprendizagem. Quando percebe risco, ativa respostas de defesa que dificultam o acesso a funções como atenção, memória e organização do comportamento.

Pesquisas contemporâneas em neurociência do desenvolvimento reforçam que o cérebro aprende melhor em ambientes de segurança relacional. Em contextos marcados por estresse crônico, insegurança emocional ou relações instáveis, funções essenciais para o aprender podem ser significativamente impactadas. Não se trata apenas de dificuldade de conteúdo, mas de um sistema nervoso que não está disponível para aprender.

Na prática clínica, essa realidade se apresenta de forma bastante concreta. Muitas famílias chegam ao consultório relatando que seus filhos não conseguem se concentrar, não gostam de estudar ou parecem cada vez mais desmotivados. No caso dos adolescentes, esse cenário pode aparecer também como desinteresse, oposição, afastamento das atividades escolares ou dificuldade de engajamento. Quando há espaço para uma escuta mais cuidadosa, frequentemente surgem histórias de mudanças familiares, ambientes excessivamente exigentes, conflitos nas relações ou rotinas atravessadas por tensão constante.

Nesses contextos, a dificuldade de aprendizagem muitas vezes deixa de ser apenas uma questão cognitiva e passa a ser compreendida como um sinal, uma expressão de sobrecarga emocional ou relacional.

É nesse ponto que a orientação parental se torna uma aliada importante do trabalho psicopedagógico. Ao apoiar as famílias na compreensão do comportamento infantil e adolescente, fortalecer vínculos e reorganizar o ambiente relacional, ampliamos de forma significativa as possibilidades de intervenção.

No entanto, é fundamental reconhecer que esse cuidado não é responsabilidade exclusiva da família. A aprendizagem se constrói a partir de uma rede de corresponsabilidade que envolve família, escola e profissionais. Quando esses sistemas conseguem se alinhar, compartilhar olhares e construir estratégias conjuntas, criam-se condições mais favoráveis para que a criança e o adolescente possam aprender.

Não se trata de substituir o trabalho psicopedagógico, mas de ampliá-lo. Quando família, escola e profissionais caminham de forma integrada, algo essencial acontece. A criança e o adolescente deixam de ocupar o lugar de problema e passam a ser compreendidos dentro de um sistema de relações que também precisa ser cuidado. Mais do que corrigir dificuldades, a psicopedagogia contemporânea nos convida a criar condições para que a aprendizagem possa acontecer.

Como costumo dizer em minhas formações, a aprendizagem não pode ser compreendida fora do corpo, das relações e da história.

Cuidar da aprendizagem de crianças e adolescentes é, em última instância, cuidar das relações que sustentam o desenvolvimento humano e, consequentemente, do tipo de sociedade que estamos ajudando a construir.

Referências:

- BOWLBY, J. Apego e perda.
BURKE HARRIS, N. O mal profundo.
PORGES, S. A teoria polivagal.
VAN DER KOLK, B. O corpo guarda as marcas.

Relações Intergeracionais: A família como ecossistema de aprendizagem em todas as fases do ciclo vital humano.

Eliana Santos Moura - Graduada em Serviço Social; Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Gerontologia.

No contexto do envelhecimento, a família surge não apenas como um núcleo de cuidado, mas como um ecossistema aprendente fundamental. Quando falamos de relações intergeracionais, estamos tratando da circulação do saber e do desejo entre diferentes idades, um campo onde o psicopedagogo pode atuar como um facilitador de pontes e levar a psicopedagogia, tradicionalmente associada ao universo infantil, à expansão de suas fronteiras para compreender o sujeito em todo o seu ciclo vital. Um dado relevante para a prática psicopedagógica é a mudança na estrutura dos lares.

Vivemos um momento histórico em que a convivência de mais de uma geração no mesmo lar tornou-se uma realidade frequente. De acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), houve um crescimento significativo dos chamados "arranjos multigeracionais".

Nesse cenário, pessoas idosas, filhos e netos compartilham não apenas o espaço físico, mas rotinas de aprendizagem e desafios cotidianos. Para o psicopedagogo, essa configuração é um campo fértil: o lar multigeracional pode ser um ambiente de estimulação mútua ou, se houver barreiras de comunicação, um local de isolamento e conflito.

Trabalhar com pessoas adultas e idosas exige uma desconstrução do conceito de passividade na velhice. A aprendizagem na maturidade é marcada pela autoria de pensamento e pela ressignificação de experiências. No entanto, essa autoria muitas vezes é silenciada dentro do ambiente familiar por uma tendência à infantilização da pessoa idosa ou pelo isolamento provocado pelo gargalo tecnológico.

As relações intergeracionais oferecem a oportunidade de quebrar esse ciclo. Quando um neto auxilia o avô com ferramentas digitais, ou quando a pessoa idosa compartilha a história oral da família, ocorre um resgate da identidade do sujeito que ainda descobre, ensina e deseja.

O principal desafio nas famílias é a inversão de papéis. Muitas vezes, os filhos, ao assumirem o cuidado dos pais, cerceiam inadvertidamente sua autonomia. A intervenção psicopedagógica deve orientar a família a manter o espaço de sujeito aprendente da pessoa idosa, combatendo o idadismo (preconceito etário).

Projetos intergeracionais podem promover a compreensão de que o aprendizado é uma via de mão dupla: a pessoa idosa traz a sabedoria da experiência e a perspectiva histórica, enquanto o jovem traz a agilidade e a conexão com o novo. Essa troca é estruturante para a saúde mental e cognitiva de todos os envolvidos.

A psicopedagogia que atua com pessoas adultas e idosas deve reforçar que a família é o lugar onde a aprendizagem se torna vida. O papel do profissional é garantir que a comunicação flua, permitindo que os sujeitos continuem a escrever suas próprias histórias, amparados por uma rede que respeita o tempo e o saber de cada um.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. A velhice. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

FERNÁNDEZ, Alicia. A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artmed, 1991.

FONTES, Anna; CÔRTE, Beltrina (org.). Envelhecer com futuro. São Paulo: 1. ed. São Paulo: Portal do Envelhecimento Comunicação, 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.

O Papel dos Pais no Processo de Aprendizagem das Crianças e Adolescentes

A relação com a escola e a orientação parental

Fabiana Meirelles Ferreira Peccin - Professora pelo Instituto de Educação Vera Cruz. Psicóloga e Coordenadora Pedagógica.

Maria Inês Imperatriz Fonseca - Psicóloga clínica e Orientadora Educacional

Em tempos em que mães, pais e cuidadores são avaliados pelo mundo a partir do desempenho de seus filhos, não é possível imaginar que a performance das crianças e adolescentes não esteja sob pressão. Há enorme expectativa pelo seu alto desempenho, sucesso, rapidez e produtividade. Surpreendentemente, não estamos falando sobre pessoas adultas e grandes executivos — o que também seria passível de questionamentos —, mas de crianças e adolescentes! E mais: mães e pais também são pressionados pelo mundo contemporâneo porque inúmeras vezes o desempenho de seus filhos ratifica seu desempenho na função materna e paterna. Entenderam a complexidade? Desse modo, conscientemente ou não, mães, pais e cuidadores criam expectativas muitas vezes desajustadas e/ou idealizadas em relação ao desenvolvimento e ao processo de aprendizagem de seus filhos e filhas.

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que a régua é alta em relação às expectativas para os filhos e filhas, localizamos com muita frequência famílias que evitam a todo custo que eles vivam situações estressantes. Estamos falando aqui de situações incômodas típicas do crescimento, do amadurecimento e do desenvolvimento saudável das crianças. Por exemplo, muitas vezes, para aprender a controlar os esfíncteres, as crianças passam pelo desconforto de ter sua roupa molhada pelo escape de xixi; ou, para aprender a ler e escrever, a criança precisa se arriscar num universo desconhecido e lidar com as contradições de suas hipóteses de escrita para criar novas e avançar no seu processo de alfabetização; ou ainda, para produzir um ensaio acadêmico, um adolescente passa por conflitos cognitivos até construir uma argumentação consistente. Privar filhos dessas experiências é conduzir ao desenvolvimento de um sujeito pouco tolerante a exigências cognitivas e a frustrações.

Entrando na seara das aprendizagens, é importante que se entenda que aprender leva tempo. Processos de aprendizagem exigem experiências significativas, reflexões sobre o vivido, projeções de novos passos, movimentos para frente e para trás. Isso pode levar tempo — muitas vezes diferente do tempo acelerado do contemporâneo, chamado de "tempo do micro-ondas", marcado pela rapidez e eficácia. Atualmente, suportar e sustentar esse tempo da aprendizagem é uma árdua tarefa para mães e pais assim como para as crianças e adolescentes.

Soma-se, então, a alta expectativa dos pais, a pouca tolerância a frustrações e desafios cognitivos nas crianças, e a pressa e urgência do contemporâneo diante de um ato de aprender que não é nem linear nem automático. O resultado é um caldo denso e complexo a ser considerado quando analisamos o desenvolvimento das crianças e adolescentes e suas aprendizagens. Pressões contraditórias geram um ambiente complexo, ambivalente, ansioso e tantas vezes inseguro, que pouco apoia e sustenta o processo de aprender. Nesse contexto, podemos entender o quanto uma relação de parceria entre família e escola é essencial para que a criança e o adolescente estejam seguros para viver o processo de aprendizagem.

Escola e família: um lugar de complementaridade

Aprender a viver, a se cuidar, a se relacionar, a ter curiosidade pelo mundo pode acontecer a qualquer momento e em todos os ambientes que as crianças e adolescentes frequentam. Já a aprendizagem formal e acadêmica pode ser incentivada nos núcleos familiares, mas acontece fundamentalmente na escola. Às mães, pais e cuidadores cabe confiar e valorizar a instituição, os professores, as aulas, as tarefas e as experiências associadas à vida escolar. Isso favorece um processo de aprendizagem saudável. Valorizar o conhecimento acumulado pela humanidade, seus sentidos, suas transformações e todo o esforço intelectual necessário para acessá-lo, bem como incentivar e apoiar a experiência de estudar, ler, pesquisar e se aprofundar em conhecimentos, cria um contexto familiar que, atrelado à valorização da escola, torna a experiência de aprender muito interessante para as crianças e adolescentes.

Às mães, pais e cuidadores cabe acompanhar “à meia distância” o processo de aprendizagem de seus filhos e filhas. O que isso quer dizer? Acompanhar se têm feito suas tarefas, estar atento aos retornos dos professores, acompanhar as notas e relatórios escolares. Mas é preciso deixar um espaço para que seus filhos e filhas se impliquem e se comprometam com as alegrias e também com as demandas escolares. O universo escolar pertence a eles — crianças e adolescentes —; a responsabilidade pelos afazeres escolares é deles, não dos pais. Permitir que as crianças errem, se desorganizem e vivam as consequências de suas desorganizações relacionadas à escola é muito desafiador para os cuidadores atuais, que rapidamente intervêm e, muitas vezes, se antecipam, impedindo que a criança ou o adolescente possa errar e aprender com essa experiência.

Viver essas situações muitas vezes gera aprendizagem e autoconhecimento estruturantes para o processo de desenvolvimento intelectual. Nomeamos também de acompanhamento "à meia distância" ter construído um vínculo seguro e estável, de modo que os filhos e filhas saibam que podem recorrer aos pais sempre que necessário. Mães e pais podem estar disponíveis para quando a criança ou adolescente pedir ajuda — não para fazer por eles.

O trabalho de orientação parental

Já mencionamos, neste breve texto, o quanto pode ser desafiador para as famílias e para os responsáveis lidar com as dificuldades que surgem no processo de aprendizagem de seus filhos e filhas. Nesse sentido, ter um espaço para dividir angústias, entender particularidades e redirecionar o olhar é fundamental. Esses aspectos podem ser trabalhados por meio da orientação parental e, muitas vezes, esse trabalho, atrelado ao acompanhamento realizado pela psicopedagogia, compõe uma rede de apoio e de reflexões que ajuda muito a desatar os nós que dificultam o processo de aprendizagem, permitindo que ele deslanche.

A experiência de dificuldade de aprendizagem e os desafios vividos por quem aprende não determinam a integralidade do sujeito, ou seja não deve diminuir a potência do indivíduo — e essa premissa é fundamental para que o sujeito possa avançar.

Desse modo, um trabalho integrado entre a psicopedagogia e a psicologia viabiliza um acompanhamento profundo e integral do sujeito envolvendo seu contexto familiar, fortalecendo-o no enfrentamento de desafios e contribuindo para que o processo de aprender se torne, de fato, uma experiência de crescimento e transformação.

Referências:

Iaconelli, V. (s.d.). *Criar filhos no século XXI* (2026). Editora Contexto.

Voltolini, R. (s.d.). *Amar ou armar as crianças*. Scribd.

<https://pt.scribd.com/document/630060044/VOLTOLINI-RINALDO-Amar-ou-armar-as-crianca>

Gomes, I., Gasbarra, G., & Rindeika, S. (2025). Entrelaçados: A importância do trabalho com as famílias no atendimento psicopedagógico de adolescentes. In M. C. Natel, R. L. N. Oliveira, & S. L. N. Santilli (Orgs.), *Trilhando caminhos na psicopedagogia*. Curitiba: Appris.

Oliveira, R. L.; Santos, P. R. F de C. (2025). O desafio de não trabalharmos sozinhos: A importância da interface do atendimento psicopedagógico com outros especialistas. In M. C. Natel, R. L. N. Oliveira, & S. L. N. Santilli (Orgs.), *Trilhando caminhos na psicopedagogia*. Curitiba: Appris.

A inclusão da família no atendimento a crianças

Viviane Namur Campagna - psicóloga, mestre em psicologia do desenvolvimento humano pela Usp, autora do livro "A identidade feminina no início da adolescência", pela Casa do psicólogo/Fapesp

A criança, ao contrário da maioria dos adultos, nunca chega sozinha ao consultório. É trazida por pais ou responsáveis, compondo um núcleo familiar, com suas próprias características e seu modo próprio de funcionamento. Quando vem buscar ajuda para a criança, essas pessoas também estão em sofrimento, e essa dor vem de muitos lugares. Há preocupação, raiva, culpa, medo, frustração, dúvidas, sensação de fracasso. Conhecer a criança, portanto, é inseparável de ouvir e conhecer a família de onde ela vem.

Uma criança é fruto do seu meio; ela o impacta e é impactada por ele. O que acontece fora dali, o lugar que ela ocupa na família, as relações que estabelece, as expectativas que se tem sobre ela, a forma como é vista e cuidada, afeta seu comportamento e desempenho, ainda que não seja a causa única de suas dificuldades. 4

Por isso, chamar os pais ou responsáveis pela criança ao longo do atendimento faz parte do trabalho. Na verdade, ele não se sustenta a longo prazo sem que haja algum espaço para que os pais sejam convidados a refletir sobre as questões familiares e escolares que afetam o comportamento da criança.

Incluir os pais não significa, no entanto, transformar o trabalho com crianças uma espécie de prestação de contas contínua, em que o profissional acha que tem que contar tudo o que acontece na sessão. Isso só serve para aliviar a ansiedade dos pais ou a de quem atende, querendo confirmar que algo está sendo feito.

Preservar um espaço seguro onde a criança sente que é ouvida e respeitada e no qual pode ter trocas significativas, sem que isso seja imediatamente reportado aos pais, é essencial para que o trabalho funcione. Expor a intimidade da criança é enfraquecer a confiança que está sendo construída.

Qual a finalidade, então, das reuniões familiares? Antes de mais nada, é escutar os pais e entender melhor a dinâmica familiar. As entrevistas iniciais nos dão uma pequena amostra, mas é no decorrer do trabalho com a criança que vamos conhecendo a realidade daquela família: como vivem, se relacionam, lidam com as dificuldades.

A partir do que aparece em sessão, é preciso compreender melhor o que acontece em casa, na escola, nas transições entre ambientes, nas rotinas, nas reações aos limites, nos vínculos familiares, nas mudanças recentes. Principalmente, entender como enxergam aquele filho que trazem ao consultório.

Só a partir da escuta é possível um segundo movimento, que é criar um espaço de reflexão sobre o que é dito e observado a respeito das dificuldades que cada um deles possa ter ao se relacionar com aquele filho, e como é possível enfrentá-las.

Muitas vezes há uma expectativa de que a criança seja alguém que não é — mais tranquila, mais sociável, mais inteligente, mais curiosa, mais madura; que entenda e incorpore rapidamente os limites, as explicações. Muitos pais, presos em idealizações do filho perfeito, têm dificuldade de enxergar o filho real.

Muitas vezes há a expectativa de que o profissional "resolva" o problema da criança, faça com que ela aprenda o que não sabe, "ajuste" seu comportamento para parar de incomodar os outros, sem que o ambiente em que ela vive precise ser modificado. Mas o sofrimento e as dificuldades da criança estão intensamente ligados ao ambiente em que ela vive. Não adianta esperar que o consultório, sozinho, dê conta das mudanças esperadas.

Há momentos também em que a terapia avança, as transformações acontecem ali, e é preciso que elas, da mesma forma, aconteçam fora do consultório. Os pais precisam participar ajustando a vida da criança, seja modificando a rotina, lidando com limites, com explosões emocionais, com as tarefas escolares, com a dependência excessiva da criança, com o excesso de telas. Certas mudanças dependem da participação deles. A criança pode até começar a encontrar outras possibilidades na terapia, mas, se o ambiente não consegue sustentar nada disso fora dali, o processo tende a perder força. Os avanços se limitam quando o ambiente permanece inalterado, repetindo as mesmas dinâmicas que produzem sofrimento. E o próprio sentido da terapia se esvazia quando a mudança é esperada apenas do sujeito mais vulnerável da equação.

É preciso também refletir sobre a expectativa dos pais sobre o trabalho. Se são muito apressados, ansiosos, angustiados ou excessivamente focados em resultados visíveis, podem atrapalhar o desenvolvimento natural do processo, causando ansiedade na criança (e muitas vezes no terapeuta). Expectativas precisam então ser revistas. Questionamentos e dúvidas também precisam ter espaço para existir e ser esclarecidos. A confiança dos pais é essencial para a sustentação do trabalho.

E há, claro, situações em que chamar os pais não é apenas indicado, mas indispensável: quando surgem sinais de risco, suspeitas de violência, necessidade de encaminhamento, avaliação complementar ou qualquer questão que exija uma conversa mais séria e cuidadosa sobre o andamento do caso.

Incluir os pais não é atribuir a eles a culpa ou ensiná-los a melhor maneira de educar seus filhos. É lançar mão do conhecimento e da experiência do profissional como instrumento a ser compartilhado e discutido a partir da realidade de cada família. É torná-los participantes ativos do processo, unindo forças no cuidado com a criança, na busca de caminhos possíveis de mudança.

Atender crianças, enfim, é entender que é preciso dar suporte a toda uma rede de relações na qual a criança se insere, muitas vezes de onde se originam suas dificuldades, mas também de onde pode vir a possibilidade de transformação.

Bibliografia sugerida:

WAJNTAL, Mira. **Clínica com crianças**: enlases e desenlaces. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

PROJETO SOCIAL

Em 2026, as novas voluntárias do Projeto Social “Sementes do Amanhã” passaram por um período de formação de três meses, onde puderam participar de palestras, um curso e várias sessões de supervisão, antes mesmo de iniciar o atendimento clínico ou institucional. Após este período foram convidadas a escrever uma reflexão sobre este período de aprendizagem.

Neste sentido selecionamos este trecho da reflexão de Silvia Coli Nogueira que achamos importante compartilhar nesta coluna.

Meu interesse pelo Projeto Social Sementes do Amanhã
Meu interesse pelo Projeto Social Sementes do Amanhã surgiu a partir da leitura do livro “Trilhando os caminhos na Psicopedagogia”, Relato de Casos - teoria e prática (Natel; Oliveira; Santilli, Ed Appris, 2025). Além da leitura, tive a oportunidade de participar do evento de lançamento da obra, ocasião em que pude ouvir, diretamente das organizadoras, relatos mostrando o envolvimento e a dedicação acerca da concepção e do desenvolvimento do projeto. Nesse momento, surgiu o desejo de, em algum momento, participar dessa iniciativa.

A obra “Trilhando os caminhos na Psicopedagogia” apresenta a trajetória do Projeto Social Sementes do Amanhã, desenvolvido pela Associação Brasileira de Psicopedagogia – Seção São Paulo (ABPpSP). O livro reúne estudos de caso, discute a relevância da supervisão no exercício profissional e aborda aspectos éticos fundamentais na formação do psicopedagogo, oferecendo uma visão ampla e consistente da prática psicopedagógica.

O Projeto Social Sementes do Amanhã foi criado há 13 anos por iniciativa de psicopedagogos associados à ABPpSP. Conta com a atuação de associados efetivos, responsáveis pelos atendimentos e de associados titulares, que realizam a supervisão. Trata-se de uma ação voluntária, na qual profissionais dedicam seu tempo ao atendimento de crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem e baixo desempenho escolar, oriundos de contextos escolares, clínicos ou de abrigos institucionais (SAICAs), que não possuem recursos para custear acompanhamento especializado.

As atividades do projeto incluem sessões de avaliação e intervenção conduzidas por psicopedagogos em formação ou com menor experiência, sempre sob a supervisão de profissionais mais experientes. A prática é fundamentada em referenciais teóricos de autores consagrados, como Alicia Fernández, D. W. Winnicott, Sara Paín, Maria Lúcia Weiss, Jorge Visca, entre outros. Por meio dessa abordagem, evidencia-se a amplitude, desafios e possibilidades de atuação do campo da Psicopedagogia.

Destaca-se, ainda, a importância de aspectos essenciais à prática psicopedagógica, como o trabalho multidisciplinar, a participação da família no processo, a construção de vínculos afetivos, a escuta ativa do aprendente e o respeito ao seu tempo de aprendizagem. Além disso, ressalta-se a necessidade de utilização de diferentes estratégias e recursos, adequados às especificidades de cada caso.

Dessa forma, a leitura da obra, aliada à vivência no evento de lançamento, contribuiu significativamente para a ampliação da minha compreensão acerca do papel do psicopedagogo. Reforçou, também, a importância de uma atuação comprometida com o desenvolvimento integral do sujeito, evidenciando a responsabilidade e, ao mesmo tempo, a relevância desse profissional na promoção da autonomia, da autoestima e na ressignificação da relação do indivíduo com o conhecimento.

Coordenadoras do Projeto Social (gestão 2026/2028)

M^a Cristina Natel, Rebeca Lescher e Sandra Lia Santilli

Contato: abppspprojetosocial@gmail.com

<https://saopauloabpp.com.br/novosite/projeto-social/inscreva-se/>

Procure mais informações em:

<http://saopauloabpp.com.br/novosite/projeto-social/historico>

COMISSÃO DE ÉTICA

Com o início da gestão 2026/2028, a Comissão de Ética do Conselho Estadual da ABPp – Seção São Paulo recebe, com satisfação, os novos Conselheiros Estaduais e membros da Diretoria Executiva que passam a integrar esta comissão.

Seguimos pautando nossas ações no Código de Ética do Psicopedagogo (2019), instrumento fundamental para a orientação e proteção da prática profissional em Psicopedagogia. Reafirmamos nosso compromisso com a promoção da ética na praxis psicopedagógica, compreendendo que a formação continuada, a supervisão psicopedagógica e o processo terapêutico pessoal são pilares essenciais para uma atuação responsável e comprometida.

Destacamos, ainda, a importância da constante atualização científica e da participação em eventos, pesquisas e publicações, conforme orienta o Código de Ética do Psicopedagogo.

No dia 5 de maio de 2026, aconteceu a 1ª reunião da Comissão de Ética da gestão 2026/2028 da ABPp-SP. O encontro foi marcado por importantes reflexões sobre a atuação ética na Psicopedagogia, o fortalecimento das ações da Comissão e da *continuidade da parceria com o Projeto Social para planejamento de iniciativas formativas voltadas aos associados e voluntários.

Seguimos trabalhando com compromisso, responsabilidade e ética, fortalecendo continuamente a Psicopedagogia e a valorização da nossa profissão.

Comissão de Ética

Andrea de Castro Jorge Racy, Carla Labaki, Maria Lúcia Moura

Caruso, Regina Irani Spirandeli Federico, Rebeca Lescher Nogueira

de Oliveira, Ruth Nassiff, Sandra Casseri Rindeika, Sônia Regina

5 Santos de Lucca, Sonia Colli, Sandra Lia Santilli e Vanessa Pedroso.

COMISSÃO CIENTÍFICO - CULTURAL

Historicamente, as Comissões de Trabalho da ABPp-SP foram criadas com o objetivo de fortalecer a área, resguardando a ética, fomentando a reflexão e divulgação do conhecimento. Nesse percurso, a Comissão Científica consolidou-se como um espaço de curadoria responsável por promover reflexões voltadas à produção e difusão de conteúdos, participação em eventos e incentivo ao aprofundamento de conhecimento.

Na atual gestão (2026–2028), a então Comissão Científica da ABPp-SP amplia seu escopo e passa a se denominar Comissão Científico-Cultural, reafirmando seu compromisso com a articulação entre produção científica, formação continuada e diálogo com as variadas dimensões que permeiam a Psicopedagogia.

Nesta nova etapa, a Comissão Científico-Cultural propõe intensificar a integração entre teoria e prática, ampliando formatos de atuação, fortalecendo parcerias institucionais e investindo na construção coletiva de conhecimento, com foco na qualidade, consistência e relevância das ações.

A Comissão Científico-Cultural da gestão 2026–2028 da ABPp-SP é composta por Adriana Vieira, Ariane Zanelli, Cecília Faro, Cristiane Pascoal, Daniele Moda, Eliana Moura, Luciana Sigalla, Maria Cristina Natel, Monica Mendes, Monica Recusani e Wylma Ferraz, que assumem, em conjunto, o compromisso de contribuir de forma colaborativa para o fortalecimento da Psicopedagogia diante dos desafios contemporâneos da área. Neste semestre, as produções da Comissão acompanharão o tema Família tratado no Informa, Edição Junho 2026.

SUGESTÕES DE LIVROS, FILMES e PODCAST

Livro | *Arroz de Palma* – Francisco Azevedo



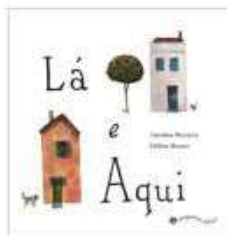
Romance que acompanha, com sensibilidade e toques de realismo fantástico, a trajetória de uma família de imigrantes portugueses ao longo de quatro gerações, revelando afetos, conflitos e heranças familiares. Favorece reflexões sobre a influência das relações familiares, da cultura e das experiências intergeracionais na constituição do sujeito e na aprendizagem.



Livro | *Quem Grita Perde a Razão* – Luiza Ricotta
A obra aborda formas sutis de violência presentes no cotidiano familiar, ajudando a identificá-las e propondo caminhos para relações mais saudáveis e respeitadas no ambiente doméstico. Contribui para reflexões sobre o impacto das relações familiares no desenvolvimento emocional, social e nos processos de aprendizagem.

Livro | *Lá e Aqui* - Carolina Moreyra, com ilustrações de Odilon Moraes,

Aborda de forma delicada a separação dos pais pelo olhar de uma criança. Com texto sensível e imagens expressivas, o livro favorece a conversa sobre perdas, mudanças e a permanência dos vínculos afetivos. Por tratar de temas emocionalmente complexos, é uma obra que ganha sentido quando lida na companhia de um adulto, abrindo espaço para acolher dúvidas, sentimentos e reflexões que possam surgir durante a leitura.



Filme | *O Filho da Mãe* – Direção: Daniel Rezende

Em uma pequena vila, um pescador solitário que sonha em ter um filho se conecta, de forma sensível e inesperada, a outras pessoas e suas histórias. Convida à reflexão sobre vínculos, pertencimento e constituição subjetiva.

Filme | *Pai, Mãe, Irmã, Irmão*

Três histórias interligadas abordam relações entre pais e filhos adultos marcadas por distanciamento, reencontros e tensões emocionais, em diferentes contextos culturais. Possibilita pensar sobre vínculos familiares, comunicação e seus impactos no desenvolvimento e na aprendizagem.

Podcast | *O Estranho Familiar* – Vera Iaconelli

A psicanalista conduz conversas sobre diferentes configurações familiares, trazendo relatos que evidenciam a diversidade dos vínculos na contemporaneidade. Amplia o olhar sobre a constituição subjetiva e os efeitos das relações familiares nos processos de desenvolvimento e aprendizagem.

EXPEDIENTE - DIRETORIA EXECUTIVA 2026/2028

DIRETORIA EXECUTIVA

PRESIDENTE: Paula Roberta Martins Fernandes de Castro Santos

VICE-PRESIDENTE: Wylma Espinheira Teixeira Ferraz

SECRETÁRIA: Adriana Sílvia Vieira

SECRETÁRIA ADJUNTA: Rafaela Guimarães Sérgio

TESOUREIRA: Vanessa Pedroso

COMISSÃO CULTURAL: Luciana Andréa Afonso Sigalla

COMISSÃO CULTURAL ADJUNTA: Cristiane Pascoal Zouki

DIRETORA DE COMUNICAÇÃO E PUBLICAÇÕES: Monica Recusani

DIRETORA ADJUNTA DE COMUNICAÇÃO E PUBLICAÇÕES: Maria Lúcia Moura Caruso

PROJETO SOCIAL - COORDENADORAS

Maria Cristina Natel

Rebeca Lescher N. de Oliveira

Sandra Lia N. Santilli

CONSELHO ESTADUAL:

Andréa de Castro Jorge Racy

Ariane Zanelli de Souza

Carla Labaki Agostinho Luvizotto

Cecília G de Mello Faro

Daniele Salatti Viegas Moda

Eliana Santos Moura

Regina Irani Spirandeli Federico

Sandra Casseri Rindeika

Sônia Regina Santos de Lucca

Patrícia Rossi Torralba Horta

CONSELHO ECONÔMICO E FISCAL (CAEF):

Helena Maria Barbosa da Silva

Luciana Maria Fialho

Márcia Maria Machado Monteiro

Solange Papa

CONSELHO VITALÍCIO:

Maria Cristina Natel

Mônica Hoehne Mendes

Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

Ruth Nassiff

Sandra Lia N. Santilli

Sônia Colli

Este periódico é uma publicação exclusiva da **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO**

EDITORA DE REDAÇÃO: Wylma Espinheira Teixeira Ferraz

CONSELHO EDITORIAL: Andréa de Castro Jorge Racy, Ariane Zanelli de Souza, Cecília Gereto de Mello Faro e Luciana Andréa Afonso Sigalla

TIRAGEM: 1.000 exemplares

CRIAÇÃO E IMPRESSÃO: KOSMOGRAF